P. Raniero Cantalamessa, ofmcap

Deus existe!

Primera Pregaçao Advento 2018

Santo Padre, Veneráveis Padres, irmãos e irmãs, na Igreja estamos tão pressionados por tarefas a serem executadas, problemas a serem resolvidos, desafios a serem superados, que corremos o risco de perder de vista, ou deixar para trás, o "*porro unum necessarium*" do Evangelho, que é a nossa relação pessoal com Deus e com Cristo. Acima de tudo, sabemos por experiência que um relacionamento pessoal genuíno com Deus é a primeira condição para enfrentar todas as situações e problemas que surgem, sem perder a paz e a paciência.

Por isso pensei deixar de lado todos os outros temas e todas as referências a problemas atuais. Vamos tentar fazer o que santa Angela de Foligno recomendava aos seus filhos espirituais: "reunir-nos em unidade e mergulhar a nossa alma no infinito que é Deus"[[1]](#footnote-1). Tomar um banho matinal de fé, antes de começar o dia de trabalho.

O tema destas homilias de Advento (e, se Deus quiser, também de Quaresma) será o versículo do Salmo: "Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 41,3). Os homens do nosso tempo são apaixonados por procurar sinais da existência de seres vivos e inteligentes em outros planetas. É uma busca legítima e compreensível, apesar de bastante incerta. Poucos, no entanto, buscam e estudam sinais do Ser vivo que criou o universo, que entrou nele, em sua história e vive nele. "Nele vivemos, nos movemos e existimos" (Atos 17, 28) e não nos damos conta. Temos a Vida real em nosso meio e a negligenciamos para buscar seres vivos hipotéticos que, na melhor das hipóteses, pouco poderiam fazer por nós, certamente não nos salvariam da morte.

Quantas vezes somos obrigados a dizer a Deus, com Santo Agostinho: "Você estava comigo, mas eu não estava com você"[[2]](#footnote-2). De fato, ao contrário de nós, o Deus vivo nos busca. É o único que Ele faz desde a criação do mundo. Continua a dizer: "Adão, onde está você?" (Gn 3,9). Pretendemos captar os sinais deste Deus vivo, responder ao seu chamado, "bater à sua porta", para entrar em um contato novo, vivo, com ele.

Apoiamo-nos na palavra de Jesus: "Buscai e achareis. Batei e vos será aberto" (Mt 7, 7). Quando alguém lê essas palavras, imediatamente pensa que Jesus promete nos dar todas as coisas que pedimos a ele, e ficamos perplexos porque vemos que isso raramente acontece. No entanto, Ele quis dizer especialmente uma coisa: "Buscai-me e me encontrareis, batei e vos abrirei". Ele promete dar a si mesmo, muito além das coisas triviais que lhe pedimos, e essa promessa é sempre infalivelmente mantida. Quem o busca, o encontra; quem bate, ele abre e uma vez encontrado, todo o resto vai para o segundo lugar.

A alma que tem sede do Deus vivo o encontrará infalivelmente e com Ele e Nele encontrará tudo, como nos recorda as palavras de Santa Teresa de Ávila: "Nada te perturbe, Nada te espante, Tudo passa, Deus não muda, A paciência tudo alcança; Quem a Deus tem, Nada lhe falta: Só Deus basta". Com esses sentimentos, começamos nossa jornada de busca do rosto do Deus vivo.

**Retornar às coisas!**

A Bíblia é cheia de textos que falam de Deus como "o vivente". "Ele é o Deus vivo", diz Jeremias (Jer 10,10); "Eu sou o vivente", diz o próprio Deus em Ezequiel (Ez 33,11). Em um dos mais belos salmos do saltério, escrito durante o exílio, o orante exclama: "A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 41,3). E novamente: "Meu coração e minha carne exultam pelo Deus vivo" (Sl 83, 3). Pedro, em Cesaréia de Filipe, proclamou Jesus "Filho do Deus vivo" (Mt 16, 16).

Evidentemente é uma metáfora tirada da experiência humana. Israel se resignou a usá-la para distinguir o seu Deus dos ídolos dos outros povos que são divindades "mortas". Em contraste com eles, o Deus da Bíblia é "um Deus que respira" e a sua respiração ou sopro (*ruah*) é o Espírito Santo.

Depois do longo predomínio do idealismo e do triunfo da "ideia", em tempos mais próximos de nós, até mesmo o pensamento secular sentiu a necessidade de um retorno à "realidade" e expressou-a no grito programático: "Retornar às coisas!"[[3]](#footnote-3). Ou seja: não ficar nas formulações dadas da realidade, nas teorias construídas, ao que comumente se pensa sobre ela, mas olhar diretamente a própria realidade que está na base de tudo; remover as várias camadas de terra exposta e descobrir a rocha subjacente.

Também devemos aplicar este programa à área da fé. Sobre a fé, de fato, santo Tomás de Aquino escreveu que "não termina nos enunciados, mas nas coisas"[[4]](#footnote-4). Quando se trata da "coisa" suprema no contexto da fé, isto é, de Deus, "voltar às coisas" significa retornar ao Deus vivo; romper, por assim dizer, a parede terrível da ideia que nós fizemos dele e correr, de braços abertos, para encontrar Deus em pessoa. Descobrir que Deus não é uma abstração, mas uma realidade; que entre as nossas ideias de Deus e o Deus vivo existe a mesma diferença que entre um céu pintado em uma folha de papel e o céu verdadeiro.

O programa: "Retornar às coisas!" teve uma aplicação justamente famosa: a que levou à descoberta de que as coisas ... existem. Vale a pena reler a famosa página de Sartre:

 "Eu estava no jardim público. A raiz da castanheira afundava no chão, bem debaixo do meu banco. Eu não me lembrava mais que era uma raiz. As palavras haviam desaparecido, com elas, o significado das coisas, os modos de seu uso, os leves sinais de reconhecimento que os homens traçaram em sua superfície [...] E então eu tive um flash de iluminação. Perdi o fôlego. Nunca antes desses últimos tempos eu tinha pressentido o que quer dizer 'existir' [...] Normalmente, a existência está escondida: está aí ao nosso redor, somos nós, não podemos dizer duas palavras sem falar sobre ela e, finalmente, não tocamos nela ... E então, eis que: de repente, estava lá, clara como o dia: a existência tinha subitamente se revelado"[[5]](#footnote-5).

O filósofo que fez essa "descoberta" declarava-se ateu, por isso não foi além da constatação de que eu existo, que o mundo existe, que as coisas existem. Nós, no entanto, podemos partir desta experiência e usá-la como trampolim para a descoberta de outro Existente, a faísca que torna possível uma outra iluminação. O que foi possível com a raiz da castanheira, por que não deveria ser possível com Deus? É Deus, para a mente do homem, menos real do que a raiz da castanheira é para o olho dele? Os Padres não hesitavam em colocar a serviço da fé as intuições de verdade presentes nos filósofos pagãos, mesmo daqueles cuja autoridade era voluntariamente adotada contra os cristãos. Nós devemos imitá-los e fazer o mesmo em nosso tempo.

O que podemos, portanto, considerar da "iluminação" daquele filósofo? Nenhuma aplicação direta, ou de conteúdo, mas apenas uma indireta e de método. Lido com certa disposição mental favorecida pela graça, aquela história parece feita de propósito para sacudir-nos, para despertar em nós primeiro a suspeita, depois a certeza de que existe um conhecimento de Deus que ainda é desconhecido para nós. Que, talvez, até agora, nunca tenhamos entendido o que significa dizer que Deus "existe", que ele é um Deus-existente ou, como a Bíblia diz, um Deus vivo. Que, portanto, temos uma tarefa diante de nós, uma descoberta a ser feita: descobrir que Deus "existe", a tal ponto que, também nós, por um momento, perdemos o fôlego! Seria a aventura da vida.

Nos ajuda a entender do que se trata a experiência de certos convertidos, a quem a existência de Deus se revelou subitamente, em algum momento da vida, depois de tenazmente tê-la ignorado ou negado. Um deles foi o jornalista francês Andrè Frossard, falecido em 2 de fevereiro de 1995. Assim ele descreve sua vida antes da conversão:

“Deus não existia. A Sua imagem, as imagens em essência que evocam sua existência ou aquilo que poderia ser chamado de descendência histórica: os santos, os profetas, os heróis da Bíblia, nunca estiveram em nossa casa. Ninguém nos falava dele. Nós éramos ateus perfeitos, daqueles que não fazem mais perguntas sobre seu ateísmo. Os últimos anticlericais que ainda se atiravam contra a religião em reuniões públicas nos pareciam patéticos e um pouco ridículos, como se fossem historiadores comprometidos em refutar a história da Chapeuzinho Vermelho”.

Em um dia de verão, cansado de esperar pelo amigo com quem tinha um compromisso, o jovem Frossard entra na igreja próxima, observa a sua arquitetura e olha para as pessoas que estão orando ali. E é assim que ele narra o que aconteceu:

"No início, estas palavras são sugeridas para mim: ‘Vida espiritual’. Não pronunciadas e nem mesmo formadas por mim mesmo: ouvidas como se tivessem sido pronunciadas ao meu lado, em um sussurro, por uma pessoa que vê o que eu não vejo ainda. A última sílaba desse prelúdio sussurrado alcança o fio da minha consciência, que começa a avalanche de cabeça para baixo. [...] Como descrever isso com essas pobres palavras? Um outro mundo com tal esplendor e densidade que faz o nosso parecer sombras frágeis de sonhos possíveis. Este mundo é a realidade, a verdade: vejo-o da margem escura à qual ainda estou preso.

Há uma ordem no universo, e no topo, além deste brilhante véu de neblina, a evidência de Deus, a evidência feita presença e a evidência feita pessoa daquele que eu tinha anteriormente negado [...] A sua irrupção total, transbordante, vem acompanhada de uma alegria que não é outra senão a exultação dos salvos". Saindo da Igreja, seu amigo, vendo que algo aconteceu, pergunta-lhe: "O que aconteceu? - "Ele responde: "Eu sou católico" e, como se temesse não ter sido suficientemente explícito, acrescentei "apostólico e romano"[[6]](#footnote-6).

A expressão que em nossa língua melhor expressa este evento é: Dar-se conta de Deus. "Dar-se conta" indica uma súbita abertura dos olhos, um sobressalto da consciência, e então começamos a ver algo que estava lá antes, mas não víamos.

Vamos tentar reler, na onda da "iluminação" descrita por Sartre, o episódio da sarça ardente. Nos ajudará, entre outras coisas, a ver como até mesmo o pensamento "existencial" moderno pode nos ajudar a descobrir, na Bíblia, algo novo, que o pensamento antigo, todo orientado em sentido ontológico, mesmo com toda a sua riqueza, não foi capaz de entender.

A página da Bíblia que fala da sarça ardente (Ex 3, 1 ss.) é em si uma sarça ardente. Queima, mas não consome. Depois de milhares de anos não perdeu nada de seu poder para transmitir o sentido do divino. Isso mostra, melhor do que qualquer discurso, o que acontece quando realmente se encontra o Deus vivo. "Moisés pensou: 'quero me aproximar...'". Ainda pensa e quer. É senhor de si mesmo; é ele que conduz (ou acredita conduzir) o jogo. Mas eis que o divino irrompe com o seu ser e impõe a sua lei. "Moisés, Moisés! Não se aproxime. Eu sou o Deus do seu pai". Tudo mudou de repente. Moisés repentinamente se torna dócil e submisso. "Aqui estou!", responde e cobre o rosto, como os Serafins cobriam os olhos com as asas (ver Is 6, 2). O "numinoso" está no ar. Moisés entra no mistério.

Nesta atmosfera, Deus revela seu nome: "Eu sou aquele que sou". Transplantada ao terreno cultural helenístico, já com a Septuaginta, esta palavra foi interpretada como uma definição do que é Deus, o Ser absoluto como uma afirmação da sua essência mais profunda. Mas uma tal interpretação, dizem os exegetas, é "totalmente sem relação com o modo de pensar do Antigo Testamento". A frase significa, pelo contrário: "Eu sou aquele que está; ou mais simplesmente ainda: "Eu estou aqui (ou estarei) por vós![[7]](#footnote-7)". É uma declaração concreta, não abstrata, que se refere mais à existência de Deus do que à sua essência, mais aos seu "estar perto", do que ao "o que é". Não estamos longe do ''Eu vivo", "Eu sou o vivente", que Deus fala em outras partes da Bíblia.

Naquele dia, portanto, Moisés descobriu uma coisa muito simples, mas capaz de pôr em movimento e apoiar todo o processo de libertação que se seguirá. Descobriu que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó existe, é uma realidade presente e operando na história, alguém com quem se pode contar. Além disso, isso era o que Moisés precisava saber naquele momento, não uma definição abstrata de Deus.

Há algo que une a experiência do filósofo perante a raiz da castanheira e aquela de Moisés perante a sarça ardente. Ambos descobrem o mistério do ser: o primeiro, o ser das coisas, o segundo o Ser de Deus. Mas enquanto descobrir que Deus existe é uma fonte de coragem e de alegria, apenas descobrir que as coisas existem só produz, de acordo com esse mesmo filósofo, "náusea".

**Deus, sentimento de uma presença**

O que significa e como se define o Deus vivo? Por um momento, cultivei o propósito de responder a essa pergunta, traçando um perfil do Deus vivo, a partir da Bíblia, mas depois vi que teria sido uma grande loucura. Querer descrever o Deus vivo, delinear um perfil, até mesmo fundamentando-se na Bíblia, é recair na tentativa de reduzir o Deus vivo à ideia do Deus vivo.

O que podemos fazer, até mesmo com relação ao Deus vivo, é ir além dos "sinais sutis de reconhecimento que os homens traçaram sobre a sua superfície", quebrar as pequenas conchas das nossas ideias de Deus, ou os "vasos de alabastro" onde o mantemos fechado, de modo que o seu perfume se expanda e "encha a casa". Santo Agostinho nos ensina muito sobre isso. O santo nos deixou uma espécie de método para nos elevar com o coração e a mente ao Deus vivo e verdadeiro. Consiste em repetir para nós mesmos, após cada reflexão sobre Deus: "Mas Deus não é isso, mas Deus não é isso!". Pense na terra, pense no céu, pense nos anjos ou em qualquer coisa ou pessoa; pense, finalmente, no que você mesmo pensa de Deus, e toda vez repita: "Sim, mas Deus não é isso, Deus não é isso!". "Procure acima de nós", respondem, uma a uma, todas as criaturas questionadas. Precisamos acreditar em um Deus que está além do Deus em quem acreditamos!

É possível intuir o Deus vivo, em quanto vivo, de forma muito vaga, ter uma espécie de suspeita ou pressentimento. Pode-se despertar o desejo Dele, a nostalgia. Não mais do que isso. Não se pode encerrar a vida em uma ideia. Por isso é possível ter Dele mais facilmente o sentimento, ou o pressentimento, do que a ideia, porque a ideia circunscreve a pessoa, enquanto que o sentimento revela a presença Dele, deixando-a na sua totalidade e indeterminação. São Gregório Nisseno fala da mais alta forma de conhecimento de Deus como de um "sentimento de presença".

O divino é uma categoria absolutamente diferente de qualquer outra, que não pode ser definida, mas apenas insinuada; só se pode falar dele por analogias e opostos. Uma imagem que na Bíblia nos fala assim de Deus é a da rocha. Poucos títulos bíblicos são capazes de criar em nós um sentimento tão vivo de Deus - especialmente do que Deus é para nós – como este do Deus-rocha. Procuremos, também nós, sugar, como diz a Escritura, "mel da rocha" (cf. Dt 32, 13).

Mais do que um simples título, rocha aparece, na Bíblia, como uma espécie de nome pessoal de Deus, a ponto de ser escrito, por vezes, com letra maiúscula. "Ele é a Rocha, e sua obra é perfeita" (Dt 32, 4); "O Senhor é uma rocha eterna" (Is 26, 4). Mas como essa imagem não nos inspira medo e reverência pela dureza e impenetrabilidade que evoca, eis que a Bíblia acrescenta imediatamente uma outra verdade: ele é a "nossa" rocha, a "minha" rocha. Ou seja, uma rocha para nós, não contra nós. "O Senhor é a minha rocha" (Sl 18, 3), a "rocha da minha defesa" (Sl 31, 4), a "rocha da nossa salvação" (Sl 95, 1).

Os primeiros tradutores da Bíblia, os Setenta, ficaram assustados perante uma imagem tão material de Deus que parecia rebaixá-lo e sistematicamente substituíram o concreto "rocha" por abstrações, como "força", "refúgio", "salvação". Mas, com razão, todas as traduções modernas devolveram a Deus o título original de rocha.

Rocha não é um título abstrato; não diz apenas o que é Deus, mas também o que nós devemos ser. A rocha é feita para ser escalada, para buscar refúgio, não só para ser contemplada de longe. A rocha atrai, apaixona. Se Deus é rocha, o homem deve se tornar um "alpinista". Jesus dizia:

"Aprendam do dono da casa"; "Olhem os pescadores"; São Thiago continua dizendo: "Olhem para os agricultores". Nós podemos acrescentar: "Olhem para os alpinistas!". Se cai a noite ou vem uma tempestade eles não cometem a imprudência de tentar descer, mas se agarram mais ainda à rocha e esperam a tempestade passar.

A insistência da Bíblia no Deus-rocha visa incutir confiança na criatura, afastando o medo do seu coração. "E por isso não tememos se a terra vacila, se as montanhas se abalam no seio do mar;" diz um salmo; e o motivo que dá é: "Nossa fortaleza é o Deus de Jacó" (Sl 46, 3.8).

**Deus existe e isso basta!**

O primeiro biógrafo de São Francisco de Assis, Tomás de Celano, descreve um tempo de escuridão e quase de desespero que o santo viveu no final de sua vida, por causa dos desvios que via em torno a si sobre o estilo de vida primitivo dos seus frades.

Incomodado - escreve - pelos maus exemplos, e tendo recorrido um dia, tão amargo, à oração, sentiu-se tratado desta forma pelo Senhor: "Por que tu, pequeno homem, te perturbas? Talvez eu o tenha designado pastor da minha Ordem de tal forma que esquecestes que eu continuo sendo o patrono principal? [...] Não te preocupes, portanto, mas esperes a tua salvação, porque se a Ordem fosse reduzida a apenas três frades, minha ajuda sempre permanecerá estável".

O estudioso franciscano francês Pe. Eloi Leclerc, que melhor do que todos ilustra esta fase conturbada da vida de Francisco, diz que o santo foi, de tal forma, reconfortado pelas palavras de Cristo que repetia para si mesmo uma exclamação: "Dieu est, et cela suffit" . Francisco, Deus existe e isso basta! Deus existe e isso basta! ".

Aprendamos, também nós, a repetir estas simples palavras quando, na Igreja ou em nossa vida, nos encontramos em situações semelhantes às de Francisco e muitas nuvens se dissiparão.

*Tradução Thácio Siqueira*

P. Raniero Cantalamessa

O DEUS VIVO É A VIVA TRINDADE

Segunda Pregaçao Advento 2018

**Uma experiência do Deus vivo**

Quando se trata do Deus vivo, uma experiência vale mais do que muitos argumentos e eu gostaria de começar esta segunda meditação precisamente com uma experiência. Algum tempo atrás, recebi a carta de uma pessoa que eu acompanhava espiritualmente, uma mulher casada e viúva, já falecida. A autenticidade das suas experiências é confirmada pelo fato de que as levou consigo para o túmulo, sem nunca falar com ninguém, exceto com seu pai espiritual. Mas todas as graças pertencem à Igreja e, portanto, quero compartilha-la com vocês, agora que ela está com Deus. Ela me fez recordar a experiência de Moisés frente à sarça ardente. Dizia:

Querido padre, quero compartilhar com você uma lembrança da minha infância que nunca contei a ninguém. Eu ainda não tinha quatro anos e estava no campo com minha avó. Certa manhã, enquanto esperava em meu quarto para me vestirem, olhava para uma grande tília que desdobrava os galhos em frente à janela. O sol nascente atingia-a de frente. Estava encantada com sua beleza, quando de repente minha atenção foi atraída por um esplendor incomum, um branco extraordinário. Cada folha, cada ramo começou a vibrar como chamas de mil velas. Fiquei mais encantada do que quando vi cair a primeira neve da minha vida. E a minha surpresa aumentou quando - não sei se com os olhos do corpo ou não - no centro de todo aquele vislumbre vi como um olhar e um sorriso de uma beleza e de uma benevolência indescritíveis. Meu coração estava batendo descontroladamente; senti aquele poder de amor me penetrando e tive a sensação de ser amada até mesmo no mais íntimo do meu ser. Durou um minuto, um minuto e meio, não sei, para mim era a eternidade. Fui trazida de volta à realidade por um arrepio de frio que passou pelo meu corpo e com grande tristeza percebi que o olhar e o sorriso tinham desaparecido e que pouco a pouco o esplendor da árvore se extinguia. As folhas retomaram a sua aparência comum e a tília, ainda que investida pela luz radiante de um sol de verão, comparada ao seu esplendor anterior, para minha grande decepção me parecia escura como sob um céu chuvoso. Nunca falei para ninguém sobre esse fato, mas pouco tempo depois, ouvi a cozinheira e outra mulher conversarem sobre Deus. Reagi e perguntei: "Deus? Quem é?", intuindo algo misterioso. "Pobrezinha", disse a cozinheira para a outra mulher, "a vovó é uma pagã e não lhe ensina essas coisas! Deus - disse diante de mim - é aquele que fez o céu e a terra, os homens e os animais. Ele é onipotente e mora no céu". Fiquei em silêncio, mas disse a mim mesma: "É ele que eu vi!". E ainda assim eu estava muito confusa. Aos meus olhos, minha avó estava bem acima dessas mulheres de serviço, contudo a cozinheira havia dito que ela era pagã porque não conhecia a Deus e eu entendi que era um termo depreciativo. Quem estava certo?

Certa manhã, esperava de novo que viessem me vestir. Estava impaciente e lamentava o fato de que minhas roupas de menina se abotoavam por trás. Colocava a culpa de tudo na "maldade dos grandes para com os pequenos em seu poder". No final eu não esperei mais e disse: "Deus, se você existe e é verdadeiramente onipotente, abotoe-me o vestido nas costas para que eu possa ir até o jardim". Eu não tinha terminado de falar estas palavras e meu vestido estava abotoado. Fiquei de queixo caído, aterrorizada pelo efeito das minhas palavras. Minhas pernas tremiam, sentei em frente ao espelho do guarda-roupa para ver se era verdade e para recuperar o fôlego. Eu ainda não sabia o que significasse a frase "tentar a Deus", mas compreendia que seria reduzida a pó se me opusesse à sua vontade.

Eu estava acostumada a viver sozinha, mas agora eu tinha Deus olhando para mim. Podia sentir seu olhar invisível repousando em mim, com uma ternura paternal na qual eu não podia estar enganada. Era um pai que podia fazer tudo, tinha tudo para mim e havia criado todas as belezas da natureza que me rodeavam. Meu coração se enchia de alegria”.

**Deus é amor e por isso é Trindade**

Continuemos agora a nossa reflexão sobre o Deus vivo. A quem recorremos, nós cristãos, quando pronunciamos a palavra "Deus", sem nenhuma outra especificação? A quem se refere aquele "tu", quando, com as palavras do salmo, dizemos: "Ó Deus, tu és o meu Deus" (Sl 63, 2)? Quem responde a isso, por assim dizer, do outro lado da linha? Aquele "tu" não é simplesmente Deus-Pai, a primeira pessoa divina, como se existisse ou fosse pensável, apenas um instante, sem as outras duas. Não é nem mesmo a essência divina indeterminada, como se houvesse uma essência divina que só mais tarde se especificaria em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

O único Deus, aquele que na Bíblia diz: "Eu Sou!", é o Pai que gera o Filho e que com ele exala o Espírito, comunicando-lhes toda a sua divindade. É o Deus comunhão de amor, no qual *unidade* e *trindade* procedem da mesma raiz e do mesmo ato e formam uma *Triunidade,* na qual nenhuma das duas coisas - unidade e pluralidade - precede a outra, ou existe sem a outra, nenhum dos dois níveis é superior ao outro ou mais "profundo" que o outro.

Aquele "tu" ao qual nos dirigimos na oração, conforme os casos e a graça de cada um, pode ser uma das três pessoas divinas em particular: o Pai, o Filho Jesus Cristo, ou o Espírito Santo, sem se perder a totalidade. Para a comunhão trinitária, de fato, em cada pessoa divina estão presentes as outras duas. A Trindade é como um daqueles triângulos musicais que de qualquer lado que se toque vibra tudo e dá o mesmo som.

Em conclusão, o Deus vivo dos cristãos só pode ser a Trindade viva. A doutrina da Trindade está contida, em síntese, na revelação de Deus como amor. Dizer: "Deus é amor" (1 Jo 4, 8) é dizer: Deus é trindade. Todo amor implica um amante, um amado e um amor que os une. Todo amor é amor de alguém ou de algo; não se dá um amor "vazio", sem objeto. Mas, quem ama a Deus, para ser chamado de amor? O homem? Mas, então, é amor só desde algumas centenas de milhões de anos. O universo? Mas, então, é amor só desde algumas dezenas de bilhões de anos. E antes, quem amava a Deus para ser amor?

Os pensadores gregos e, em geral, as filosofias religiosas de todos os tempos, concebendo Deus acima de tudo como "pensamento", poderiam responder: Deus pensava a si mesmo; era "puro pensamento", "pensamento de pensamento". Mas isso não é mais possível, a partir de quando se diz que Deus é principalmente amor, porque o "puro amor de si mesmo" seria puro egoísmo, que não é a exaltação máxima do amor, mas a sua total negação. E aqui está a resposta da revelação, explicitada pela Igreja. Deus é amor desde sempre, *ab aeterno*, porque antes mesmo de existir um objeto fora de si para amar, tinha em si mesmo o Verbo, o Filho a quem amava com amor infinito, ou seja, "no Espírito Santo".

Isso não explica "como" a unidade possa ser simultaneamente trindade; isso é um mistério incognoscível para nós, porque ocorre somente em Deus. Nos ajuda, no entanto, a entender "por que", em Deus, a unidade deve ser também pluralidade: porque "Deus é amor"! Um Deus que fosse puro conhecimento ou pura lei, ou puro poder certamente não precisaria ser trino. Isso complicaria bastante as coisas e, de fato, nenhum "triunvirato" jamais durou muito tempo na história! Não é assim com um Deus que é acima de tudo amor, porque "em menos de dois, não pode haver amor". "É necessário - escreveu Henri de Lubac - que o mundo saiba: a revelação de Deus como amor abala tudo o que, antes, se havia concebido da divindade[[8]](#footnote-8)". Nós cristãos acreditamos "em um só Deus", não em um Deus solitário!

**Contemplar a Trindade para superar a odiosa divisão do mundo[[9]](#footnote-9)**

Nenhum tratado sobre a Trindade é capaz de colocar-nos em contato vivo com ela como a contemplação do ícone da Trindade de Rublev, do qual vemos uma reprodução em mosaico diante de nós, no topo da parede oposta. Pintado em 1425 para a Igreja de São Sérgio, o ícone foi declarado, pelo "concílio dos cem capítulos" de 551, modelo de todas as representações da Trindade.

Uma coisa deve ser notada imediatamente sobre esta imagem. Ela não quer representar diretamente a Trindade, que, por definição, é invisível e inefável. Isso teria sido contrário a todos os cânones da iconografia bizantina. Diretamente, ela representa a cena dos três anjos que apareceram a Abraão no carvalho de Mamre (Gn 18,1-15); isso é claramente demonstrado pelo fato de que em outras pinturas do mesmo sujeito, antes e depois de Rublev, no ícone também apareciam Abraão, Sara, o bezerro e, ao fundo, o carvalho. Essa cena, no entanto, à luz da tradição patrística, é lida como uma prefiguração da Trindade. O ícone é uma das formas que assume a leitura espiritual da Bíblia, que é a interpretação de um fato do Antigo Testamento à luz do Novo.

O dogma da unidade e trindade de Deus é expresso no ícone de Rublev pelo fato de que as figuras presentes são três e bem distintas, mas muito semelhantes entre si. Elas estão idealmente contidas dentro de um círculo que destaca a sua unidade, enquanto o movimento diferente, especialmente da cabeça, proclama a sua distinção. Todos os três usam, na original, um vestido azul, sinal da natureza divina que têm em comum; mas acima, ou abaixo, cada um tem uma cor que o distingue do outro. O Pai (geralmente identificado com o anjo à esquerda para quem as outras duas pessoas inclinam a cabeça), tem um manto de cor indefinível, feito quase de pura luz, sinal da sua invisibilidade e inacessibilidade; o Filho, no centro, veste uma túnica escura, sinal da humanidade que revestiu; o Espírito Santo, o anjo à direita, um manto verde, sinal da vida, sendo ele aquele "que dá a vida".

Acima de tudo, uma coisa impressiona ao contemplar o ícone de Rublev: a paz profunda e a unidade que emana do todo. Do ícone se desprende um grito silencioso: "Sejam um, assim como nós somos um". São Sérgio de Radonez, para cujo mosteiro o ícone foi pintado, havia se distinguido na história da Rússia por ter trazido a unidade entre os líderes em conflito e de, assim, ter tornado possível a libertação da Rússia dos tártaros. O seu lema era: "Contemplando a Santíssima Trindade, superar a odiosa discórdia deste mundo". Rublev quis reunir a herança espiritual do grande santo que tinha feito da Trindade a fonte inspiradora da sua vida e do seu trabalho.

Desta visão da Trindade, portanto, recolhemos o apelo à unidade.

Todos nós queremos a unidade. Depois da palavra felicidade, não há nenhuma outra que responda a uma necessidade igualmente urgente do coração humano como a palavra unidade. Somos "seres finitos, capazes de infinito" e isso significa que somos criaturas limitadas que aspiramos superar o nosso limite, para ser "de alguma forma tudo", *quodammodo omnia*, dizemos em filosofia. Não nos limitamos a ser só o que somos. Quem não se lembra, nos anos da juventude, de alguns momentos de comovente necessidade de unidade, quando se desejaria que todo o universo estivesse contido em um só ponto e ele estar, com todos os outros, naquele único ponto, de tal forma que o senso de separação e de solidão no mundo se fazia sentir com sofrimento? São Tomás de Aquino explica tudo isso dizendo: "Porque a unidade (*unum*) é um princípio do ser como a bondade (*bonum*), segue-se que todos naturalmente desejam a unidade, como desejam o bem. Por essa razão, como o amor ou o desejo pelo bem causam sofrimento, da mesma forma o amor ou o desejo pela unidade"[[10]](#footnote-10).

Todos, portanto, queremos a unidade, todos nós a desejamos do fundo do coração. Por que, então, é tão difícil fazer unidade, se todos nós a desejamos tão ardentemente? É que nós queremos, sim, que se faça a unidade, mas... em torno do *nosso* ponto de vista. Parece tão óbvio, tão razoável, que ficamos surpresos de como os demais não percebam e insistam, por vezes, em *seus* pontos de vista. Projetamos facilmente o caminho para que os outros cheguem até onde chegamos. O problema é que o outro na minha frente está fazendo exatamente a mesma coisa comigo. Desta forma, nenhuma unidade será alcançada. Percorre-se, assim, o caminho oposto.

A Trindade nos mostra o verdadeiro caminho para a unidade. Partindo das *pessoas* divinas, e não do conceito de *natureza*, os orientais se viram obrigados a assegurar de outra forma a unidade divina. Fizeram-no elaborando a doutrina da *pericorese*. Aplicada à Trindade, pericorese (literalmente, mútua compenetração) expressa a união das três pessoas na única essência[[11]](#footnote-11). Graças a ela as três pessoas estão unidas, sem se confundirem; cada pessoa se "identifica" na outra, se dá à outra e fazer ser a outra. O conceito se fundamenta nas palavras de Cristo: "Eu estou no Pai e o Pai está em mim".

Jesus estendeu este princípio ao relacionamento que há entre ele e nós: "Eu estou no Pai, e vós em mim e eu em vós" (Jo 14, 20); "Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade" (Jo 17, 23). O caminho para a verdadeira unidade reside em imitar entre nós, na Igreja, a pericorese divina. São Paulo indica o seu fundamento quando diz que "somos membros uns dos outros" (Rm 12, 5). Em Deus, a pericorese baseia-se na unidade da natureza, em nós, no fato de que somos "um só corpo e um só espírito".

O apóstolo nos ajuda a entender o que significa, na prática, viver entre nós a pericorese, a mútua compenetração: "Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; e se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele" (1 Cor 12, 26); "Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos, e deste modo cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6, 2). Os "fardos" dos outros são as doenças, os limites, as cruzes, também os defeitos e os pecados. Viver a pericoresi significa "identificar-se" com o outro, tentando colocar-se, como se diz, em seus sapatos, tentando entender, antes de julgar.

As três pessoas divinas estão sempre comprometidas em glorificar umas às outras. O Pai glorifica o Filho; o Filho glorifica o Pai (Jo 17, 4); o Paráclito glorificará o Filho (Jo 16,14). Cada pessoa se dá a conhecer tornando a outra conhecida. O Filho ensina a gritar *Abba*!; o Espírito Santo ensina a clamar: "Jesus é o Senhor!", e "Vem, Senhor", *Maranatha*. Eles não ensinam a pronunciar o próprio nome, mas o das outras pessoas. Há só um "lugar" no mundo onde a regra "ama o próximo como a si mesmo" é colocada em prática, em um sentido absoluto, e é a Trindade! Cada pessoa divina ama a outra exatamente como a si mesma.

Quão diferente é a atmosfera que se respira quando em um corpo social há o esforço de viver com estes ideais sublimes diante dos olhos! Pensemos em uma família na qual o marido defenda e exalte a sua esposa diante de filhos e estranhos, e o mesmo faça a esposa com relação ao marido; pensemos em uma comunidade na qual há o esforço de se pôr em prática a recomendação de São Tiago: "Não falem mal uns dos outros, irmãos" (Tg 4, 11), ou aquela de São Paulo: "Rivalizai na mútua estima" (Rm 12, 10). Nesse ritmo, se chegaria até mesmo a alegrar-se pela nomeação de uma outra pessoa que estima a um certo posto de honra (por exemplo, o cardinalato), como se ele próprio tivesse sido nomeado.

Mas deixemos os santos falarem tais coisas, dado que são os únicos que têm o direito de fazer isso, porque o colocam em prática. Em uma de suas admoestações, São Francisco de Assis diz: "Bem-aventurado aquele servo que não se orgulha pelo bem que o Senhor diz e faz por meio dele, mas pelo bem que diz e faz por meio de outro"[[12]](#footnote-12). Santo Agostinho dizia ao povo:

"Se amas a unidade, tudo o que é possuído por alguém nela, tu também o possuis! Abandones a inveja e teu será tudo o que é meu, e se eu abandono a inveja, será meu tudo o que possuis. A inveja separa, a caridade une... Só a mão age no corpo; ela, no entanto, não age só para si própria, mas também para o olho. Se um objeto se aproxima, não da mão, mas do rosto, será que a mão diz: 'Não me moverei porque o golpe não se dirige a mim?'"[[13]](#footnote-13).

Queria dizer: se te esforças para colocar o bem da comunidade por acima da tua afirmação pessoal, todo carisma e toda honra presente nela será tua, como em uma família unida o sucesso de um membro faz todos felizes. É por isso que a caridade é "o melhor caminho de todos" (1 Cor 12, 31): ela multiplica os carismas, faz do carisma de um o carisma de todos. Eu percebo que estas coisas são muito fáceis de serem ditas, mas difíceis de se colocar em prática; é bom, no entanto, saber que, com a graça de Deus, elas são possíveis e algumas almas as realizaram e as realizam também por nós na Igreja.

Contemplar a Trindade realmente ajuda a vencer "a odiosa discórdia do mundo". O primeiro milagre que o Espírito obrou em Pentecostes foi fazer com que os discípulos "concordassem" (At 1, 14), "um só coração e uma só alma" (At 4, 32). Ele está sempre pronto para repetir esse milagre, para sempre transformar a *dis-córdia* em *con-córdia*. Pode-se estar dividido na mente, no que cada um pensa sobre questões doutrinais ou pastorais ainda legitimamente debatidas na Igreja, mas nunca divididos no coração: *In dubiis libertas, in omnibus vero caritas*. Isso significa, precisamente, imitar a unidade da Trindade; ela é, de fato, "unidade na diversidade".

**Entrar na Trindade**

Há algo ainda mais feliz que podemos fazer com relação à Trindade do que contemplá-la e imitá-la e é entrar nela! Nós não podemos abraçar o oceano, mas podemos entrar nele; não podemos abraçar o mistério da Trindade com a nossa mente, mas podemos entrar nele! Cristo nos deixou um meio concreto para fazê-lo, a Eucaristia. No ícone de Rublev, os três anjos estão dispostos em círculo ao redor de uma mesa; sobre aquela mesa há uma taça e dentro da taça dá para ver um cordeiro. Não poderíamos dizer de uma maneira mais simples e mais eficaz que a Trindade tem hora marcada conosco, todos os dias, na Eucaristia. O banquete de Abraão no carvalho de Mamre é figura deste banquete. A visita dos três a Abraão é renovada por nós toda vez que nos aproximamos da comunhão.

Também aqui, ou seja, sobre a Eucaristia, é iluminador a doutrina da pericorese trinitária. Ela nos diz que onde há uma pessoa da Trindade, lá estão também as outras duas, inseparavelmente unidas. No momento da comunhão se realiza em um sentido estrito a palavra de Cristo: "Eu neles e tu em mim". "Quem me vê, vê o Pai", quem me recebe, recebe o Pai. Nunca conseguiremos apreciar plenamente a graça que nos é oferecida. Comensais da Trindade!

São Cirilo Alexandrino formulou essa verdade com o usual rigor teológico que liga indissoluvelmente Trindade e Eucaristia. Diz: "Somos consumidos na união com Deus Pai por meio de Cristo. Recebendo, de fato, em nós, corporalmente e espiritualmente o que o Filho é por natureza nos tornamos partícipes e consortes de toda a natureza suprema"[[14]](#footnote-14).

A mesma pessoa cujo depoimento eu trouxe de volta ao começo, em outra ocasião, me confidenciou sua experiência da Trindade. Permito-me compartilhar com vocês, porque também esta, como todas as graças, pertencem à Igreja. Dizia:

"Na outra noite, o Espírito me introduziu no mistério do amor trinitário. O fascinante intercâmbio do dar e receber também ocorreu através de mim: de Cristo, a quem eu estava unida, para o Pai e do Pai para o Filho. Mas como expressar o inexprimível? Eu não via nada, mas era muito mais do que ver, e as minhas palavras são impotentes para traduzir este intercâmbio no júbilo, que se respondia, se atirava, recebia e doava. E daquele intercâmbio fluía uma intensa vida de Um para o Outro, como um leite morno que flui do seio da mãe para a boca da criança ligada a este bem-estar. E eu era aquela criança, era toda a criação que participa da vida, do reino, da glória, tendo sido regenerada por Cristo. Ó Santa e viva Trindade! Fiquei como fora de si por dois ou três dias, e ainda hoje esta experiência ficou fortemente impressa em mim".

A Trindade não é apenas um mistério e um artigo da nossa fé, é uma realidade viva e palpitante. Como eu disse no início, o Deus vivo da Bíblia que procuramos não é outro senão a Trindade viva.

*Tradução Thácio Siqueira*

Pe. Raniero Cantalamessa ofmcap

"NINGUÉM JAMAIS VIU A DEUS..."

Terceira pregação de Advento 2018

O Deus vivo é a Trindade viva, afirmamos da última vez. Mas nós estamos no tempo e Deus está na eternidade. Como superar essa "infinita diferença qualitativa"? Como lançar uma ponte em um abismo tão infinito? A resposta está na solenidade que estamos nos preparando para celebrar: "O Verbo se fez carne e veio habitar no meio de Deus".

Entre nós e Deus - escreveu o grande teólogo bizantino Nícolas Cabasilas - erquiam-se três muros de separação: o da natureza, porque Deus é espírito e nós somos carne, o do pecado, o da morte. O primeiro desses muros foi derrubado na encarnação, quando a natureza humana e a natureza divina se uniram na pessoa de Cristo; o muro do pecado foi derrubado na cruz e o muro da morte na ressurreição[[15]](#footnote-15). Jesus Cristo é agora o lugar definido do encontro entre o Deus vivo e o homem vivo. Nele, o Deus distante tornou-se próximo, o Emanuel, o Deus-conosco.

O caminho de busca pelo Deus vivo que nós empreendemos neste Advento teve um precedente ilustre: "O itinerário da mente para Deus" (*Itinerarium mentis in Deum*) de São Boaventura. Como filósofo e teólogo especulativo, ele identifica sete passos pelos quais a alma ascende ao conhecimento de Deus. São:

A visão dele através de seus vestígios no universo.

A contemplação de Deus em seus vestígios nesse mundo sensível.

A contemplação de Deus através da sua imagem impressa nas faculdades naturais.

A contemplação de Deus na sua imagem renovada pelos dons da graça.

A visão da beatíssima Trindade em seu nome, isto é, o bem.

O arrebatamento místico da alma na qual o trabalho do intelecto cessa enquanto o amor atravessa inteiramente para dentro de Deus.

Depois de ter analisado os vários meios que temos para elevar-nos ao conhecimento do Deus vivo e os "lugares" onde podemos encontrá-lo – a criação, os seus vestígios no mundo sensível, nas faculdades naturais, na sua imagem impressa em nós, na contemplação da unidade e trindade de Deus – são Boaventura chega à conclusão de que o meio definitivo, infalível e suficiente é a pessoa de Jesus Cristo. Assim conclui o seu tratado:

Agora: à alma só lhe resta ir além de tudo isso com a contemplação, e ir além do mundo sensível, não só, mas até além de si mesma. Nesta passagem, Cristo é caminho e porta. Cristo é escada e veículo como propiciatório posto sobre a arca de Deus e sacramento escondido ao longo dos séculos.

O filósofo Blaise Pascal, em seu famoso *Memoriale*, chega à mesma conclusão: o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó "é encontrado apenas pelos caminhos ensinados no Evangelho". A razão para isso é simples: Jesus Cristo é "o Filho do Deus vivo" (Mt 16, 16). A Carta aos Hebreus baseia nisso a novidade do Novo Testamento:

"Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por seu Filho, que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas." "(Hb 1, 1-2).

O Deus vivo já não nos fala através de uma pessoa interposta, mas pessoalmente, porque o Filho "é irradiação da sua glória e marca da sua substância" (Hb 1, 3). Isso do ponto de vista ontológico e objetivo. Do ponto de vista existencial, ou subjetivo, a grande notícia é que agora não é mais o homem que, "tateando" (At 17,2), vai em busca do Deus vivo; é o Deus vivo que desce em busca do homem até habitar em seu próprio coração. É lá que a partir de agora pode ser encontrado e adorado em espírito e verdade: "Se alguém me ama, diz Jesus, guarde minha palavra e meu Pai o amará e nós viremos a ele e passaremos a morar com ele" (Jo 14, 23).

**"Ninguém vem ao Pai a não ser por mim"**

Quem se apoiou nessa verdade – ou seja, que Jesus Cristo é o supremo revelador do Deus vivo e o "lugar" onde se entra em contato com ele - foi o evangelista João. Contamos com ele para nos ajudar a fazer da busca pelo Deus vivo algo mais do que uma simples "busca", mas uma "experiência" dele, ter não apenas o conhecimento, mas um "sentimento" vivo.

Para não perder a força e o imediatismo de seu testemunho inspirado, evitamos impor qualquer quadro interpretativo aos textos. Vamos simplesmente rever as palavras mais explícitas em que o próprio Jesus se apresenta como o revelador definitivo de Deus. Cada uma dessas palavras é capaz, por si só, de nos levar à beira do mistério e nos fazer entrever um horizonte infinito.

João 1, 18: *"Ninguém jamais viu a Deus. O filho único que está no seio do Pai foi quem o revelou".* Para entender o significado dessas palavras, é preciso referir-se a toda a tradição bíblica de Deus que não pode ser visto sem morrer. Basta ler Êxodo 33, 18-20: "Moisés disse: ‘Mostrai-me vossa glória’. E Deus respondeu: ‘Vou fazer passar diante de ti todo o meu esplendor, e pronunciarei diante de ti o nome de Javé. Dou a minha graça a quem quero, e uso de misericórdia com quem me apraz. Mas – ajuntou o Senhor – não poderás ver a minha face, pois o homem não me poderia ver e continuar a viver’".

Existe um abismo tal entre a santidade de Deus e a indignidade do homem que este deveria morrer vendo a Deus ou apenas ouvindo-o. Portanto, Moisés (Êxodo 3,69) e também os serafins (Is 6,2) escondem seus rostos diante de Deus. Permanecendo vivos depois de ver a Deus, a pessoa sente uma grata surpresa (Gn 32, 31). É um favor raro que Deus concede a Moisés (Ex 33,11) e Elias (1 Reis 19,11 s.) que serão significativamente os dois admitidos no Tabor para contemplar a glória de Cristo.

João 10,30. *"Eu e o Pai somos um".* É talvez a afirmação mais carregada de mistério em todo o Novo Testamento. Jesus Cristo não é apenas o revelador do Deus vivo: ele é o próprio Deus vivo! O revelador e revelação são a mesma pessoa. A reflexão da Igreja começará dessa afirmação para chegar à fé plena e explícita no dogma trinitário. O que nós traduzimos com a expressão "um" é um substantivo neutro (*en* em grego, *unum* em latim). Se Jesus tivesse usado o masculino *eis, unus* a conclusão seria que Pai e Filho são uma mesma pessoa e a doutrina da Trindade teria sido excluída na raiz. Ao dizer "unum", apenas uma coisa, os Padres corretamente deduzirão que Pai e Filho (e mais tarde o Espírito Santo) são uma mesma natureza, mas não uma única pessoa.

João 14, 6-7: *"Jesus lhe respondeu: 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim'".* Aqui temos que nos alongar um pouco mais. "Ninguém vem ao Pai senão por mim": lidos no contexto atual do diálogo inter-religioso, estas palavras colocam uma questão que não podemos passar em silêncio. O que pensar de toda aquela parte da humanidade que não conhece a Cristo e o seu Evangelho? Nenhum deles vai ao Pai? Estão excluídos da mediação de Cristo e, portanto, da salvação?

Uma coisa é certa: daí deve partir toda teologia cristã das religiões: Cristo deu a sua vida "em resgate" e por amor de todos os homens, porque todos são criaturas do seu Pai e seus irmãos. Ele não fez distinções. Com certeza, a sua *oferta* de salvação é universal. "E quando eu for levantado da terra (na cruz!), atrairei todos a mim" (Jo 12, 32); "Em nenhum outro há salvação, porque debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos", proclama Pedro perante o Sinédrio (Atos 4, 12).

Alguns, embora professando-se fieis cristãos, não conseguem admitir que um fato histórico particular, como é a morte e a ressurreição de Cristo, possa ter mudado a situação de toda a humanidade diante de Deus, e, portanto, substituem o evento histórico com um começo universal "impessoal". Estes, creio eu, deveriam colocar-se outra questão, isto é, se eles realmente acreditam no mistério que mantém de pé ou derruba todo o cristianismo: a encarnação do Verbo e a divindade de Cristo, que, uma vez admitida, não parece mais absurdo para a razão que um determinado ato possa ter um alcance universal. Seria estranho pensar o contrário.

O maior erro, ao privar desse alcance uma grande parcela da humanidade, não se comete com Cristo ou com a Igreja, mas com a própria humanidade. Não é possível partir da afirmação que "Cristo é a suprema, definitiva e normativa proposta de salvação feita por Deus ao mundo", sem reconhecer a todos os homens o direito de se beneficiar desta salvação?

"Mas é realista - resta saber - continuar a acreditar em uma misteriosa presença e influência de Cristo nas religiões que existiam antes dele e que não sentem nenhuma necessidade, depois de vinte séculos, de acolher o seu evangelho?" Há, na Bíblia, um fato que pode nos ajudar a responder a essa objeção: a humildade de Deus, o escondimento de Deus. "Tu es um Deus escondido, Deus de Israel salvador": Vere tu es Deus absconditus (Is 45, 15, Vulgata). Deus é humilde no criar. Não coloca seu rótulo em tudo, como fazem os homens. Não está escrito nas criaturas que elas foram feitas por Deus. Foi deixado a elas descobrir.

Quanto tempo demorou para que o homem reconhecesse a quem devia o ser, quem tinha criado para ele o céu e a terra? Quanto tempo levará ainda para que todos consigam reconhecê-lo? Por este motivo, Deus deixa de seja o criador de tudo? Ele deixa de aquecer com o seu sol quem o conhece e quem não o conhece? O mesmo acontece na redenção. Deus é humilde ao criar e é humilde ao salvar. Cristo está mais preocupado que todos os homens sejam salvos, do que eles saibam quem é o seu Salvador.

Mais do que da salvação daqueles que não conheceram a Cristo, teríamos de nos preocupar, penso eu, com a salvação daqueles que o conheceram, se viveram como se nunca tivesse existido, esquecidos totalmente do seu batismo, estranhos à Igreja e às práticas religiosas. Quanto à salvação dos primeiros, a Escritura nos garante que “Deus não faz distinção de pessoas, mas em toda nação lhe é agradável aquele que o temer e fizer o que é justo." (At 10, 34-35). Francisco de Assis, por sua vez, faz uma afirmação quase inacreditável para o seu tempo: "Todo bem que se encontra nos homens, pagãos ou não, deve referir-se a Deus, fonte de todo bem"[[16]](#footnote-16).

**O Paráclito vos ensinará toda a verdade**

Falando do papel de Cristo em relação às pessoas que vivem fora da Igreja, o Concílio Vaticano II afirma que "o Espírito Santo, de uma maneira conhecida apenas por Deus, dá a cada pessoa a oportunidade de entrar em contato com o mistério pascal de Cristo", ou seja, com a sua obra redentora (*Gaudium et spes*, 22). Assim, alcançamos o último estágio do nosso caminho, o Espírito Santo. No final da sua vida terrena, Jesus dizia:

"Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e vos anunciará as coisas que virão. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará. Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso, disse: Há de receber do que é meu, e vo-lo anunciará.” (Jo 16, 12-15).

No Espírito Santo é ainda Jesus quem continua a revelar-nos o Pai, porque o Espírito Santo é agora o Espírito do Ressuscitado, o Espírito que continua e aplica a obra do Jesus terreno. Logo após as palavras que acabamos de mencionar, Jesus acrescenta: *"Disse-vos essas coisas em termos figurados e obscuros. Vem a hora em que já não vos falarei por meio de comparações e parábolas, mas vos falarei abertamente a respeito do Pai."* Quando Jesus será capaz de falar abertamente aos discípulos do Pai, se estas foram das últimas palavras que ele pronunciou em vida e logo depois morrerá na cruz? Ele o fará, precisamente, através do Espírito Santo que enviará do Pai.

São Gregório de Nissa escreveu: "Se tirarmos de Deus o Espírito Santo, o que resta não é mais o Deus vivo, mas o seu cadáver"[[17]](#footnote-17). É o próprio Jesus quem explica a razão disso. "O Espírito é que vivifica, a carne de nada serve" (Jo 6,63). Aplicado ao nosso caso, isso significa: é o Espírito que dá a vida à ideia de Deus e à busca por ele. A razão humana, marcada como está pelo pecado, sozinha, não é suficiente. O homem que está prestes a falar de Deus, sob qualquer título, se é um crente, deve lembrar que "as coisas de Deus ninguém as conhece, a não ser o Espírito de Deus" (1 Cor 2, 11).

O Espírito Santo é o verdadeiro "ambiente vital", o *Sitzt im Leben*, no qual nasce e se desenvolve toda autêntica teologia cristã. O Espírito Santo é aquele espaço invisível no qual é possível perceber a passagem de Deus e no qual o próprio Deus aparece uma realidade viva e ativa. O Deus vivo, ao contrário dos ídolos, é um "Deus que respira" e o Espírito Santo é o seu fôlego. Isso é verdade também com relação a Cristo. "No Espírito Santo" indica aquela área misteriosa na qual, depois de sua ressurreição, é possível entrar em contato com Cristo e experimentar a sua ação santificadora. Ele agora vive "no Espírito" (Rm 1, 4, 1 Pd 3, 18). O Espírito Santo é, na história, "o sopro do Senhor ressuscitado".

O grande circuito elétrico entre Deus e o homem não se fecha, portanto, e o súbito lampejo de luz é produzido apenas dentro desse "campo magnético" especial que é constituído pelo Espírito do Deus vivo. É ele quem cria na intimidade do homem aquele estado de graça no qual um dia se chega a ter a grande "iluminação": descobre-se que Deus existe, é real, até "perder o fôlego".

Para aqueles que buscam a Deus em outro lugar, somente nas páginas de livros ou nos raciocínios humanos, deve-se repetir o que o anjo disse às mulheres: "Por que buscais entre os mortos aquele que está vivo?" (Lc 24,5) Do Espírito Santo - escreve são Basílio - depende "a familiaridade com Deus"[[18]](#footnote-18). Depende, ou seja, se Deus nos é familiar ou, pelo contrário, estranho, se somos sensíveis, ou, pelo contrário, alérgicos à sua realidade.

O remédio é, portanto, redescobrir um contato cada vez mais completo com a realidade, e mais, com a pessoa, do Espírito Santo. Não ficarmos satisfeitos nem mesmo com uma pneumatologia renovada, ou seja, com uma *teologia* do Espírito, mas aspirar a fazer também uma *experiência* pessoal dele. Milhões de cristãos do nosso tempo fizeram uma experiência forte do novo Pentecostes desejado por São João XXIII. Veja como um daqueles que primeiro fez essa experiência, na Igreja Católica, descreve seus efeitos a um amigo:

"A nossa fé se tornou viva; a nossa crença se tornou um tipo de conhecimento. De repente, o sobrenatural tornou-se mais real do que natural. Em resumo, Jesus é uma pessoa viva para nós. Tente abrir o Novo Testamento e lê-lo como se fosse literalmente verdade agora, cada palavra, cada linha. A oração e os sacramentos tornaram-se verdadeiramente nosso pão de cada dia, e não práticas piedosas genéricas. Um amor pelas Escrituras que eu nunca teria acreditado possível, uma transformação dos nossos relacionamentos com os outros, uma necessidade e uma força para testemunhar além de todas as expectativas: tudo isso se tornou parte da nossa vida. A experiência inicial do batismo do Espírito não nos deu uma emoção externa particular, mas a vida se tornou impregnada de calma, confiança, alegria e paz"[[19]](#footnote-19).

**"E o Verbo se fez carne"**

Uma meditação sobre o papel de Cristo revelador único do Deus vivo não pode ser concluída mais dignamente do que recitando juntos o Prólogo de João. Não como uma passagem do evangelho a ser comentada - isso faremos no dia de Natal - mas como um hino de louvor que jorra agora do nosso coração para a glória da Santíssima Trindade. Que uma porção tão representativa da Igreja, em um lugar como este, proclame a sua absoluta fé em Cristo Filho de Deus e luz do mundo tem um valor salvífico. Em um ato de fé como este, Cristo fundou a sua Igreja e prometeu que "os poderes dos infernos não prevalecerão contra ela". Vamos recitar juntos de pé com o coração cheio de admiração e gratidão:

1No princípio era o Verbo,

e o Verbo estava com Deus

e o Verbo era Deus.

2 No princípio, ele estava com Deus.

3 Tudo foi feito por meio dele

e sem ele nada foi feito.

4 O que foi feito nele era a vida,

e a vida era a luz dos homens;

5 e a luz brilha nas trevas,

mas astrevas não a apreenderam [...].

9 Ele era a luz verdadeira

que ilumina todo homem;

ele vinha ao mundo.

10 Ele estava no mundo

e o mundo foi feito por meio dele;

mas o mundo não o reconheceu.

11 Veio para o que era seu

e os seus não o receberam.

12 Mas a todos que or eceberam

deu o poder

de se tornarem filhos de Deus:

aos que crêem em seu nome,

eles, que não foram gerados nem do sangue,

nem de uma vontade da carne,

nem de uma vontade do homem,

mas de Deus.

14 E o Verbo se fez carne,

e habitou entre nós;

e nós vimos a sua glória,

glória que ele tem junto ao Pai

como Filho único,

cheio de graça e de verdade. [...].

18 Ninguém jamais viu a Deus:

o Filho unigênito,

que está no seio do Pai,

este o deu a conhecer.

Santo Padre, Veneráveis Padres, irmãos e irmãs, Feliz Natal!

*Tradução Thácio Siqueira*

1. S. Angela da Foligno, Istruzioni III, Ed. Quaracchi 1985, p. 474. [↑](#footnote-ref-1)
2. S. Agostinho, *Confissões*, X, 27. [↑](#footnote-ref-2)
3. "*Zu den Sachen selbst*": é o programa da Escola fenomenológica de Husserl. [↑](#footnote-ref-3)
4. S. Tomás de Aquino, *S.Th*. II-IIae, q.1,a. 2, 2. [↑](#footnote-ref-4)
5. J.-P. Sartre, *La nausea*, Mondadori, Milão 1984, pp.193 s. (Tradução nossa). [↑](#footnote-ref-5)
6. André Frossard, *Dieu existe, je l’ai rencontré*, Paris, Fayard, 1969 (passim). [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. G. von Rad, *Theologie des Alten Testaments,* I, Monaco 1966, p.194. [↑](#footnote-ref-7)
8. H. de Lubac, *Histoire et Esprit*, Aubier, Parigi 1950, cap.5. [↑](#footnote-ref-8)
9. Reproduzo aqui, em parte, o que escrevi em meu livro *Contemplando la Trinità*, Ancora, Milano 2002, pp. 7 ss. [↑](#footnote-ref-9)
10. S. Tomás, *S. Th.* I-IIae , q. 26,a.3. [↑](#footnote-ref-10)
11. Cf. Ps. Cirillo Alessandrino, *De Trinitate,* 23; PG 77 1164B; S. Giovanni Damasceno, *De fide orthodoxa*, 3,7. [↑](#footnote-ref-11)
12. S. Francisco, Ammonizione XVII (FF, 166). [↑](#footnote-ref-12)
13. S. Agostinho, *Tratados sobre João,* 32,8 [↑](#footnote-ref-13)
14. S. Cirilo Alexandrino., *Comentário a João*, XI, 12 (PG 74, 564) [↑](#footnote-ref-14)
15. Nicholas Cabasilas, *Vita in Cristo,* III, 3. [↑](#footnote-ref-15)
16. Celano, *Vita prima*, XXIX, 83 (FF 463). [↑](#footnote-ref-16)
17. S. Gregorio Nisseno, *De eo qui sit ad imaginem Dei* (PG 44, 1340). [↑](#footnote-ref-17)
18. S. Basilio, *De Spiritu Sancto*, 19,49 (PG 32, 157). [↑](#footnote-ref-18)
19. Testemunho relatado em Pe. Gallagher Mansfield, *As by a New Pentecost*, Steubenville 1992, pp. 25 s. [↑](#footnote-ref-19)